

Revista Appai

# EDUCAR

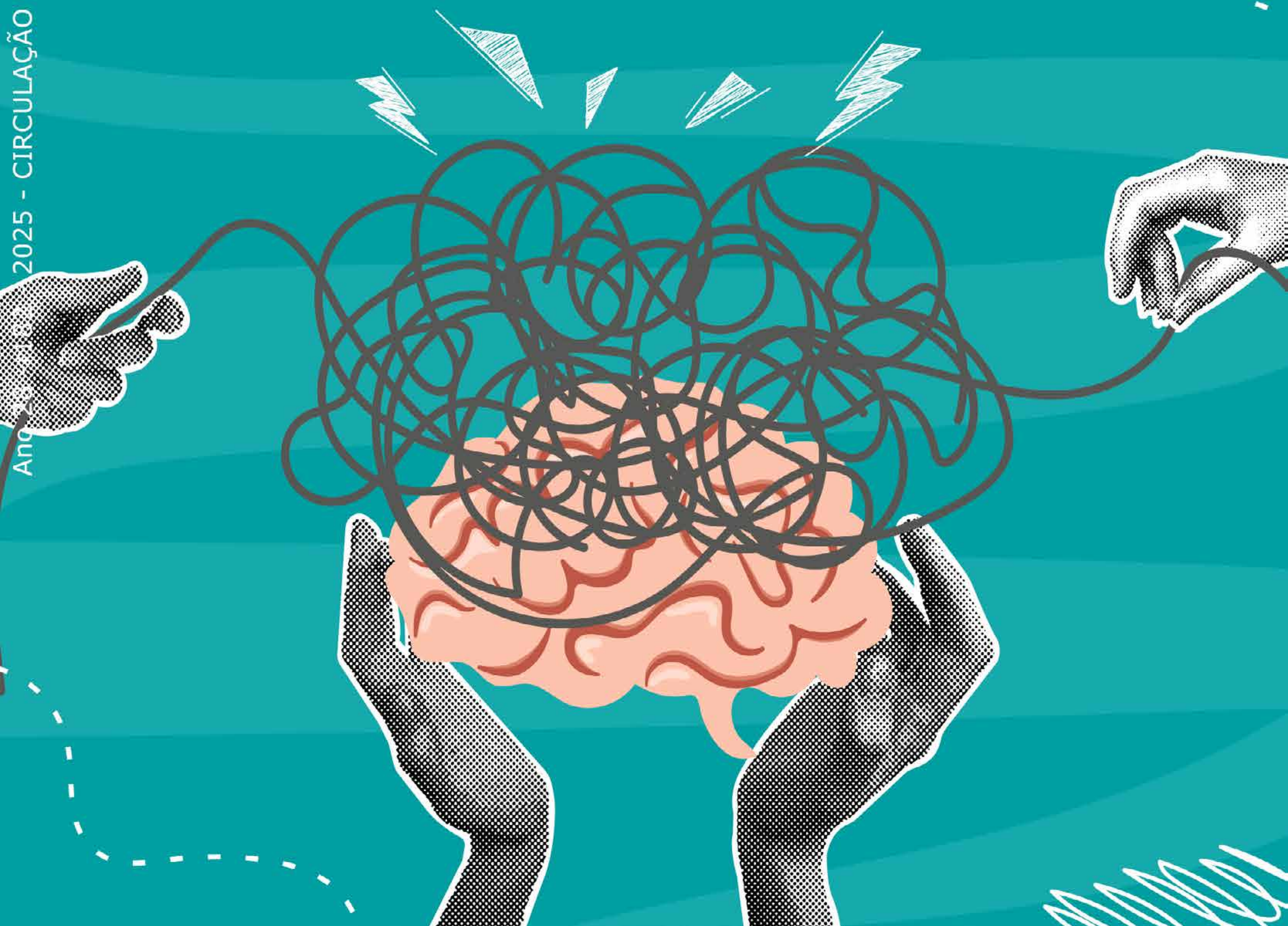
DIGITAL

Informação ao Profissional de Educação

E-BOOK EXCLUSIVO

# SAÚDE EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO

Descubra estratégias para fortalecer vínculos e  
prevenir crises emocionais na escola





A saúde emocional deixou de ser um tema de bastidor para ocupar o centro das discussões educacionais. Em escolas públicas e privadas, cresce a percepção de que o bem-estar de alunos, professores e famílias é decisivo para manter o ambiente de aprendizagem de pé e para evitar que problemas previsíveis se tornem crises difíceis de contornar.

**Neste e-book, Saúde Emocional na Educação**, reunimos três frentes que hoje moldam esse debate. A primeira é a **psicologia escolar**, que se firma como área estratégica dentro das instituições. O foco está na integração com equipes pedagógicas, na escolha entre atendimentos individuais ou coletivos e nos desafios de orientar famílias sem desgastar a relação. Também destacamos como engajar professores de maneira responsável e sustentável.

A segunda frente trata da **relação escola-família**, peça-chave para o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Investigamos por que as rodas de conversa ganham força, como superar a resistência de alguns pais, os temas que merecem prioridade e os sinais concretos de que essa parceria está funcionando.

Por fim, abordamos a **saúde emocional dos professores**, uma preocupação crescente no país. O capítulo analisa os fatores que têm pressionado a rotina docente, o impacto das relações com os alunos, a corresponsabilidade das famílias e as ações que as escolas podem implementar para prevenir o adoecimento. Também traz os principais alertas que gestores devem observar. Com essas três perspectivas, a **Revista Appai Educar Digital** apresenta um panorama atual, direto e necessário sobre o bem-estar educacional, tema que, mais do que urgente, já se tornou parte da sobrevivência cotidiana das escolas pelo mundo.



## Capítulo 1

# Psicologia escolar como eixo estratégico







Ao abordar o papel da psicologia escolar na construção de um ambiente saudável e inclusivo dentro das instituições de ensino, a psicóloga clínica e educacional Erika Neves, também Mestra em Ciência da Educação, especialista em Psicopedagogia, Análise Transacional e Competência nas Relações, defende que a Psicologia Escolar é o setor responsável por promover a saúde emocional dentro da instituição de ensino. “Oferecendo orientação psicológica aos estudantes e considerando de forma integrada aspectos individuais, grupais e institucionais que influenciam seu desenvolvimento e aprendizagem”.

Na opinião de Gláucio Diré Feliciano, Doutor em Biologia e autor do livro “As Bases do Comportamento Humano”, o papel principal da psicologia escolar é atuar como um eixo estratégico que promova a saúde mental e o desenvolvimento socioemocional de toda a comunidade escolar. “Isso é feito por meio da prevenção de problemas, da identificação de barreiras à aprendizagem e inclusão e da consultoria para que as práticas pedagógicas e a cultura escolar sejam mais acolhedoras e equitativas para todos os alunos”, pontua.



## ***“Como deve ser a integração entre psicólogos, equipe diretiva e professores para garantir uma atuação eficaz”***

A atuação em saúde emocional só funciona quando psicólogos, gestores e professores trabalham em sintonia. A integração entre essas três frentes evita ruídos, organiza prioridades e garante respostas mais rápidas e eficazes às demandas da escola. Como no futebol ou em qualquer outro esporte coletivo, para que se tenha um bom resultado, o ideal é que todos da equipe estejam em sintonia, antes e durante a atuação. Na visão dos especialistas, na educação, essa interação também se torna vital para que se construa um ambiente escolar coerente, onde psicólogos, equipe diretiva e professores atuem de forma alinhada. “A interação entre os membros da equipe escolar deve fundamentar-se no diálogo e no respeito à especialização de cada profissional. É essencial reconhecer e valorizar as diferentes esferas de atuação, promovendo ações complementares que se integrem de forma colaborativa. Dessa maneira, fortalece-se o trabalho conjunto em prol do bem-estar global das crianças e adolescentes que, naquele momento, encontram-se sob nossos cuidados”, lembra a psicóloga clínica e educacional.

Em sua análise, Gláucio também é categórico em afirmar que a integração deve ser baseada em comunicação contínua, colaboração e corresponsabilidade. “O psicólogo deve atuar como consultor, fornecendo dados e evidências para a equipe diretiva tomar decisões e para os professores aplicarem estratégias em sala de aula. A gestão, por sua vez, deve garantir os recursos e a autonomia necessários para que a Psicologia integre o Projeto Político-Pedagógico (PPP) de forma central”.





## ***“Em quais situações a intervenção individual com alunos é mais indicada, e quando optar por grupos ou ações coletivas”***

Na rotina escolar, decidir entre um atendimento individual ou uma intervenção em grupo pode definir o sucesso do cuidado emocional. Este tópico mostra quando é preciso olhar para um aluno de perto e quando a força da coletividade faz mais diferença. Na avaliação dos nossos especialistas, quando a escola se depara com desafios emocionais que atravessam o dia a dia dos estudantes, surge uma pergunta central: agir individualmente ou mobilizar o coletivo? Todavia, eles garantem que a escolha do formato da intervenção depende tanto da intensidade do problema quanto do impacto sobre o grupo.

“Situações que exigem sigilo, acolhimento profundo ou análise mais detalhada pedem atendimento individual”, afirma Gláucio Diré. Já questões que afetam a convivência, o clima escolar ou demandam desenvolvimento de habilidades socioemocionais encontram mais força nas ações coletivas, é o que diz Erika Neves exemplificando que “entre uma estudante que teme a transição para o 6º ano e episódios de *bullying* que reverberam no recreio, a escola precisa ajustar a lente, aproximar ou ampliar, para promover bem-estar de maneira efetiva e humanizada”.

### **Intervenção individual:**

Mais indicada para crises agudas (ansiedade severa, luto, trauma), avaliação diagnóstica complexa e manejo de necessidades específicas que exigem sigilo ou atenção personalizada.

### **Exemplo prático - resistência em fazer a transição para o 6º ano**

A estudante apresenta resistência em realizar a transição para o 6º ano, manifestando sentimentos de bloqueio diante das alterações que esse processo implica. Entre suas principais preocupações estão: a mudança de turno, o aumento do número de professores, a convivência com um grupo maior de alunos e a adaptação a uma estrutura escolar mais ampla e complexa. Esses fatores têm gerado ansiedade e insegurança, dificultando sua percepção de competência e disponibilidade emocional para avançar na trajetória escolar.

### **Intervenção Coletiva:**

Mais indicadas para promoção e prevenção, visando desenvolver habilidades socioemocionais (habilidades sociais, manejo da raiva) e promover a mudança da



cultura escolar e do clima de sala de aula. O grupo utiliza a identificação como ferramenta terapêutica.

### **Exemplo prático - Episódios de *bullying* no recreio**

Foram identificados alguns casos durante o recreio, indicando a necessidade de uma intervenção institucional abrangente. Propõe-se a implementação de uma campanha educativa teórica e vivencial, envolvendo orientação pedagógica, educadores físicos, professores de artes e demais membros da equipe escolar. A ação conjunta visa conscientizar a comunidade, promover mudanças comportamentais e reforçar valores como justiça, respeito mútuo, igualdade, cooperação e solidariedade, contribuindo para um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

## ***“Quais são os principais desafios na orientação aos familiares e como superá-los”***

Orientar famílias é uma tarefa essencial, mas repleta de obstáculos, ruídos de comunicação, expectativas desalinhadas e pouca compreensão sobre o trabalho pedagógico. Identificar esses desafios e buscar caminhos para superá-los fortalece a parceria escola-família. Gláucio Diré ressalta que isso é superado adotando uma abordagem colaborativa que evita a linguagem da culpa. “Foca na parceria e demonstra o impacto positivo do envolvimento familiar no bem-estar e no sucesso acadêmico do aluno, utilizando comunicação acessível e canais diversos”, conclui.

Diante dessa questão, Erika Neves avalia que, em um contexto marcado pelo excesso de telas e pelo fluxo contínuo de informações, observa-se um fenômeno crescente de infantilização dos adultos, que se reflete diretamente nas práticas parentais. “Muitos responsáveis apresentam dificuldades em estabelecer limites, assumir responsabilidades educativas e sustentar posturas firmes diante das necessidades dos filhos. Esse cenário torna a orientação familiar mais complexa, especialmente quando se trata de promover bem-estar emocional e desenvolvimento saudável”.



Ainda segundo a psicóloga clínica e educacional Erika Neves, diferente dos anos 90, hoje faz-se necessário educar pais para a vida prática, convidá-los à responsabilidade, despertar neles o senso de pertencimento e afeto considerando que a infância dura apenas uma década. “Superar esses desafios exige do psicólogo escolar uma postura acolhedora, dialógica e educativa. Estratégias como encontros formativos, comunicação clara e contextualizada, escuta ativa e construção de vínculos podem favorecer maior conscientização. Além disso, é essencial fortalecer o papel da família como parceira da escola, ajudando-a a retomar sua função cuidadora e orientadora frente às demandas contemporâneas”, resume.

***“Que estratégias podem ser usadas para engajar professores sem sobrecarregá-los”***

Engajar professores sem ampliar ainda mais sua carga de trabalho é um dos desafios centrais da gestão escolar. A busca por estratégias eficazes passa por ações práticas, objetivas e conectadas às necessidades reais do cotidiano docente. Ao comentar sob o tema em destaque, Erika Neves relata que o contexto atual exige uma atuação mais integrada entre escola e responsáveis, e isso inclui, muitas vezes, educar pais para a vida prática, convidando-os a reconhecer sua responsabilidade no desenvolvimento dos filhos e a importância de estabelecer vínculos afetivos consistentes, especialmente considerando que a infância é um período breve, que, porém, se torna o “alicerce” da vida.

“Para engajar professores sem ampliar sua sobrecarga, o psicólogo escolar deve adotar estratégias objetivas e colaborativas, como orientações práticas aplicáveis ao cotidiano, reuniões curtas e focadas, materiais de apoio de fácil uso e acompanhamento contínuo, porém leves. Valorização profissional, reconhecimento da experiência docente e construção de espaços de troca também contribuem para um engajamento mais genuíno e sustentável, sem adicionar demandas extras ao trabalho pedagógico”, arremata.

Ao opinar sobre possíveis estratégias para engajar professores sem sobrecarregá-los, Gláucio Diré reforça a importância de oferecer consultoria breve e focada em desafios práticos do cotidiano, em vez de longas formações: “Utilizar pílulas de conhecimento (*insights* rápidos por e-mail ou áudio) e promover o reconhecimento de práticas bem-sucedidas. Também é essencial treinar professores-referência para distribuir a liderança e o apoio entre os pares”, sinaliza.





## Capítulo 2

# Psicologia escolar como eixo estratégico





## ***“Por que as rodas de conversa com famílias são tão importantes para o desenvolvimento socioemocional dos alunos”***

Quem explica essa relevância tanto de aproximação, como de um ambiente que ajuda a sustentar o desenvolvimento socioemocional dos alunos na jornada escolar, é Jeferson Florêncio, psicólogo e consultor pedagógico do LIV – Laboratório Inteligência de Vida. Na sua avaliação as rodas de conversa são espaços fundamentais porque criam um ambiente seguro onde famílias e escola podem desenvolver habilidades essenciais, como a escuta ativa, a comunicação assertiva e a criatividade.

“Nesse formato, reforçam-se combinados, alinham expectativas, ampliam-se compreensões sobre o papel de cada um e fortalecem-se práticas que podem favorecer o desenvolvimento socioemocional dos alunos. Quando a família se sente acolhida e incluída, a escola passa a ter uma parceria consistente no cuidado socioemocional das crianças e adolescentes”, destaca Jeferson.



## ***“Como lidar com a resistência de alguns pais em participar de projetos socioemocionais”***

A resistência de alguns pais em participar de projetos socioemocionais ainda desafia muitas escolas e, na outra ponta, educadores buscam caminhos para aproximar as famílias e garantir que o desenvolvimento integral dos estudantes não aconteça apenas dentro da sala de aula. Na análise de Jeferson Florêncio a resistência muitas vezes nasce da falta de referência ou compreensão sobre o tema.

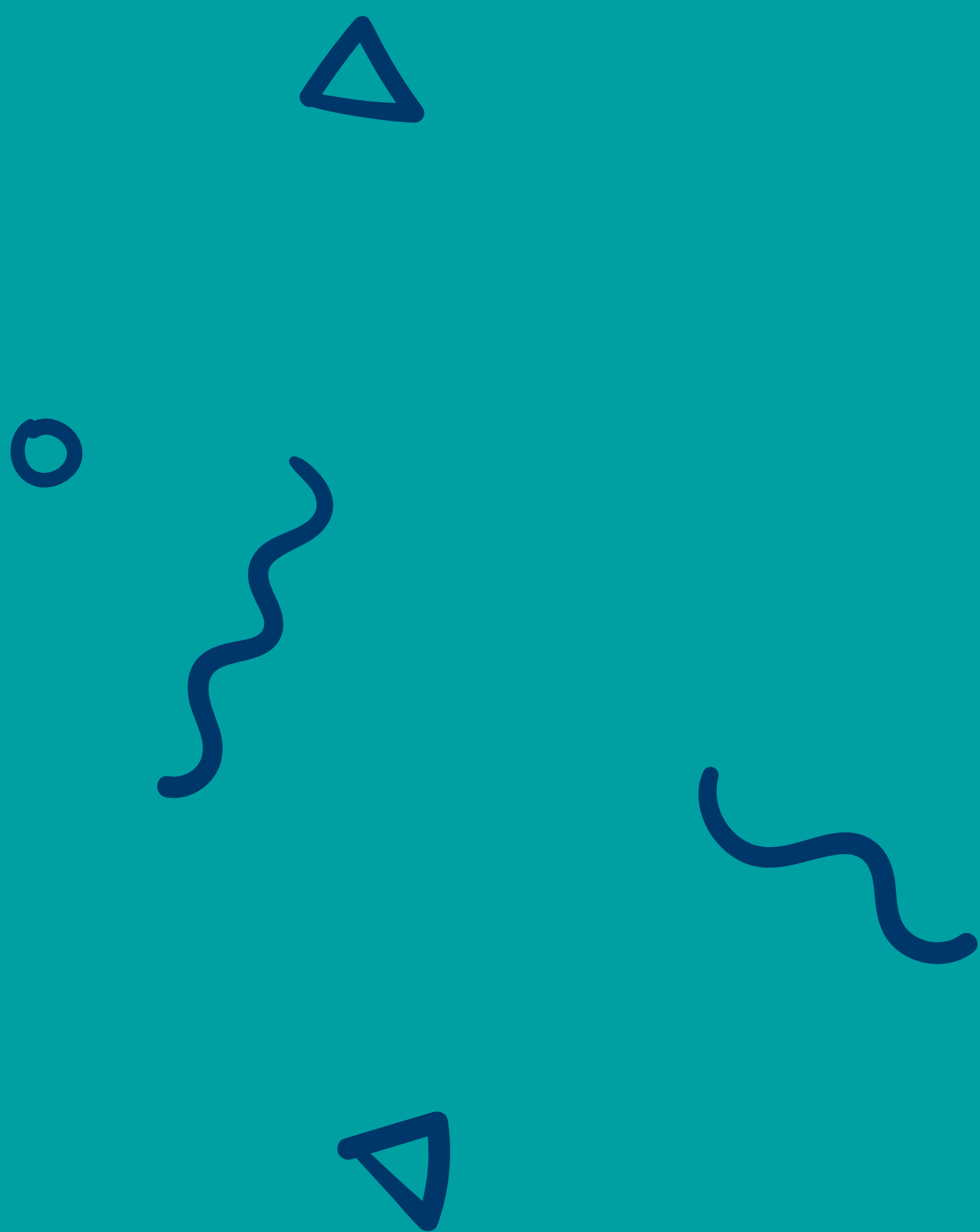
“Por isso, além de explicar sua importância, é essencial integrar o socioemocional ao cotidiano escolar. Eu sempre digo que não adianta falar de comunicação assertiva na escola se em casa ela é muito ruidosa. Assim, um caminho possível é incorporar práticas socioemocionais em eventos e rotinas já realizadas pela escola, como festa da família, reuniões de pais e projetos coletivos”, assegura, acrescentando que, quando os responsáveis vivenciam, ainda que de forma indireta, passam a reconhecer a educação socioemocional e a valorizá-la.

## ***“Quais temas devem ser priorizados nesses encontros para fortalecer a parceria escola-família”***

De acordo com Jeferson, o ideal é priorizar temas conectados às vivências reais da comunidade escolar. Ainda segundo ele, assuntos que atravessam o cotidiano das famílias, e que também repercutem na dinâmica da escola, tendem a gerar maior engajamento e reflexão. “Entre os temas atuais mais relevantes estão: limites, cuidado, uso de telas, autoestima, relacionamento com professores e amigos, convivência familiar, regulação emocional, entre outros. Além disso, é importante oferecer abordagens práticas, que possam ser aplicadas em casa e no ambiente escolar”, observa.



# Capítulo 3 Ética e Autoria Digital





## ***“Como transformar a narrativa ‘escola e família são parceiros’ em prática no dia a dia”***

A expressão “escola e família parceiras” tornou-se comum no discurso educacional, mas sua aplicação prática ainda enfrenta obstáculos. Na opinião de Florêncio, a parceria se materializa no cotidiano quando a família é efetivamente envolvida na vida escolar. “Isso inclui convidar responsáveis para participar de projetos, permitir que contribuam em tomadas de decisões que impactam a rotina da escola e criar espaços para um diálogo seguro, onde dúvidas e divergências podem ser acolhidas. Essas ações constroem a percepção de uma comunidade escolar na qual todos se sentem pertencentes e corresponsáveis”, comenta o psicólogo.

***“Existe algum indicador ou sinal claro de que essa parceria está funcionando?”***



Quando questionado sobre como funciona a equação escola + família = parceria, Jeferson é categórico: “sim, ela existe”. Segundo ele, um dos sinais mais evidentes é quando observamos uma maior responsabilização das famílias pelo processo de desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos, entendendo que ambos caminham juntos. “A troca de narrativas também é significativa: sai o ‘Eu já tentei de tudo, agora é com vocês’ e entra o ‘Eu preciso de ajuda com esta questão’. Isso demonstra que as famílias reconhecem seu papel no processo educativo e buscam apoio, ao invés de delegar totalmente à escola. Outro indicador é a capacidade dos envolvidos de reconhecer os conflitos cotidianos, comuns em ambientes diversos, como oportunidades de aprendizagem e crescimento”, avalia.



## Capítulo 4

# Saúde Emocional dos Professores





## ***“Quais são os principais fatores que têm impactado a saúde emocional dos professores”***

A saúde emocional do profissional de qualquer área passou a ser entendida como parte integrante do seu desenvolvimento e proatividade pelas organizações. Na área da educação passou a ser vista pelos órgãos reguladores como um pilar da qualidade do ensino. Hoje, entende-se que o bem-estar docente depende menos do esforço individual e mais de condições institucionais adequadas, apoio psicossocial, carga equilibrada, escuta qualificada e ambiente seguro, consolidando a ideia de que prevenir o adoecimento é responsabilidade compartilhada das redes.

Ao contextualizar o tema, Gláucio Diré afirma que esse é um assunto urgente. Segundo ele, entre os fatores mais impactantes estão a carga de trabalho excessiva (com demandas burocráticas fora do horário de aula), a exposição à violência e à indisciplina de alunos e pais e a desvalorização social e salarial da profissão. A pressão por resultados e a constante adaptação tecnológica também contribuem para o estresse crônico e o *burnout*.



“A saúde emocional dos professores tem sido profundamente impactada pela crescente burocracia e pelo acúmulo de responsabilidades inerentes ao cotidiano escolar”, é o que afirma Erika Neves. Ela garante que, além das exigências administrativas, os docentes enfrentam turmas cada vez mais diversificadas, demandando estratégias pedagógicas diferenciadas e maior preparo socioemocional.

“Somam-se a isso as tarefas extras, como participação em eventos e atividades institucionais, que ampliam a sensação de sobrecarga. Contudo, o fator mais crítico permanece sendo a baixa valorização social da docência, que gera desmotivação, desgaste emocional e a dolorosa sensação de invisibilidade do trabalho realizado, comprometendo o bem-estar e a qualidade da prática educativa”, adverte.

## ***“Como a relação entre alunos e professores influencia esse cenário”***

A qualidade da relação entre alunos e professores tem impacto direto no clima escolar e no bem-estar de quem ensina. Quando esse vínculo é saudável, a dinâmica da sala de aula se fortalece; quando se deteriora, pode ampliar tensões e comprometer o trabalho docente. Entretanto, a Mestra em Ciência da Educação Erika Neves ressalta que, na Educação Infantil, o impacto sobre a saúde emocional docente tende a ser menor, uma vez que o fazer lúdico, os avanços biopsicossociais próprios da infância e seus encantos cotidianos favorecem vínculos mais afetivos e relações pedagógicas menos tensionadas.





“Contudo, no Ensino Fundamental II e no Médio, a relação professor e aluno assume níveis de exigência significativamente maiores. Nessa fase, marcada pela busca de identidade, necessidade de pertencimento ao grupo e experimentação de limites, é comum que os estudantes testem autoridades e provoquem desafios constantes. Esse movimento, natural do desenvolvimento adolescente, acaba por gerar um desgaste intenso para os professores, que precisam conciliar o manejo comportamental, a mediação de conflitos e a condução dos conteúdos para toda a turma, o que torna o exercício da docência ainda mais complexo e emocionalmente exaustivo”, resume.

O Doutor Gláucio Diré sintetiza retomando a ideia central de que uma relação marcada pelo desrespeito e pelo conflito é um grande dreno de energia emocional, levando ao sentimento de fracasso e esgotamento. Em contraste, relações de confiança e afeto genuíno funcionam como um fator protetor, aumentando a satisfação e a motivação intrínseca do professor, amortecendo o estresse institucional.

## ***“Qual é a responsabilidade da família na preservação do bem-estar docente”***

A discussão sobre o bem-estar docente ultrapassa os muros da escola e alcança também o ambiente familiar. Entender qual é a responsabilidade da família nesse processo ajuda a fortalecer relações, alinhar expectativas e construir uma rede de apoio que faça diferença no cotidiano dos professores. Em sua avaliação, Gláucio Diré sustenta que a responsabilidade da família é apoiar e respeitar a autoridade e o trabalho do professor. Isso significa evitar desautorizar o docente na frente do aluno, utilizar canais de comunicação respeitosos para resolver conflitos e garantir que o aluno tenha rotina e limites em casa, reduzindo a sobrecarga emocional que o professor precisaria gerenciar sozinho.



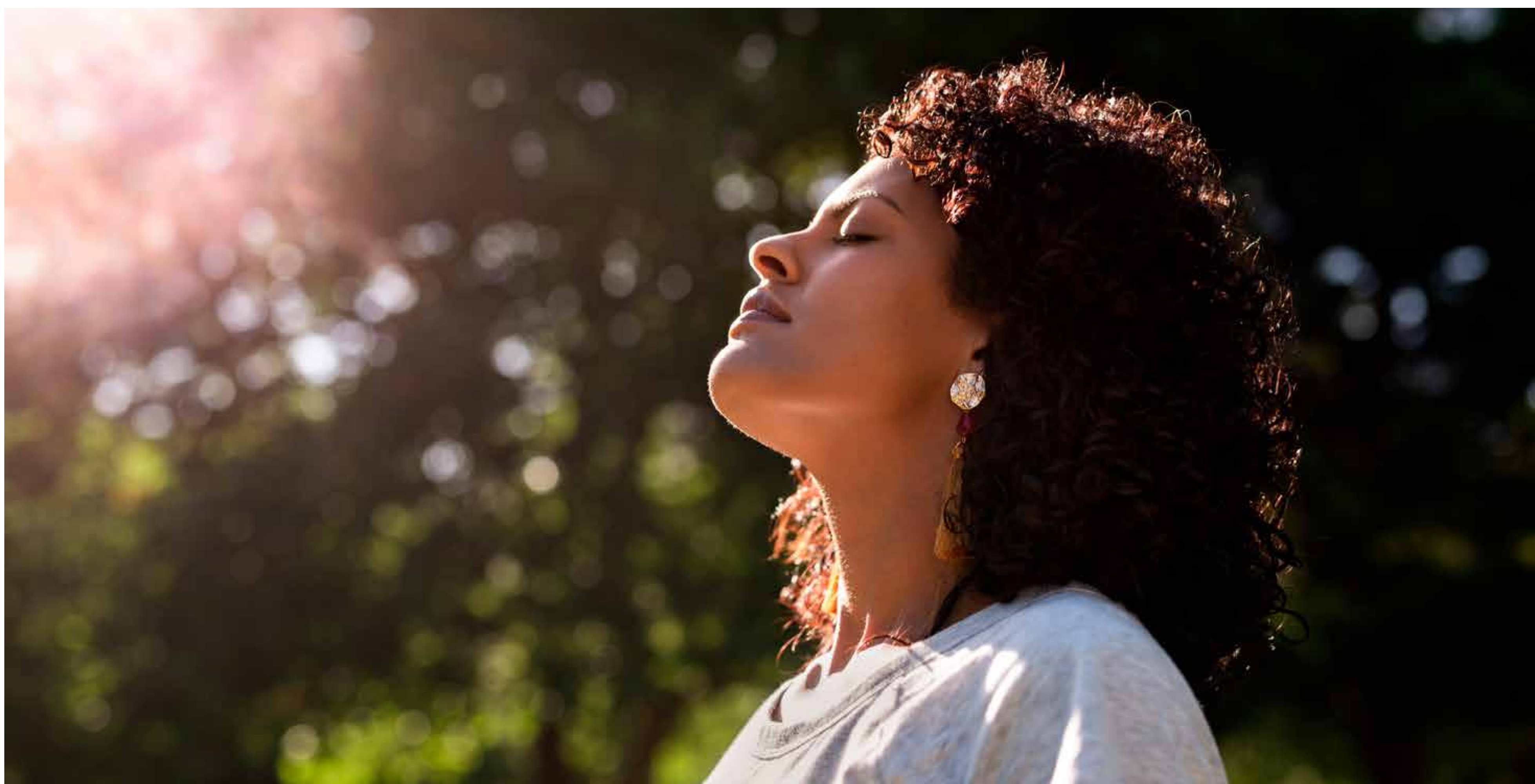
Erika Neves inclusive partilha da afirmativa de que a preservação do bem-estar docente também depende diretamente da responsabilidade das famílias no processo educativo. “É de absoluta urgência que os responsáveis retomem para si a tarefa de educar, deixando à escola o papel que lhe é próprio: escolarizar. Quando a família se omite da formação ética, emocional e comportamental dos filhos, sobrecarrega o professor com demandas que extrapolam sua função pedagógica, gerando desgaste e afetando a qualidade do trabalho docente. Como enfatiza Mario Sergio Cortella, educar é um ato intransferível, e a tentativa de delegar essa responsabilidade integralmente à escola resulta em desequilíbrios que comprometem toda a dinâmica escolar. Assim, o envolvimento ativo e consciente das famílias é essencial para a construção de um ambiente educativo saudável, colaborativo e favorável ao bem-estar de todos”, destaca.

## ***“Que políticas ou práticas podem ser implementadas pelas escolas para prevenir o adoecimento emocional dos professores”***

O debate sobre a saúde emocional dos professores tem avançado dentro das escolas, especialmente quando o tema é o papel da instituição no cuidado cotidiano com seus profissionais. A psicóloga escolar Erika Neves sintetiza essa perspectiva ao afirmar: “É fundamental promover uma cultura organizacional que valorize o docente, reconheça sua expertise e incentive relações respeitadas entre todos os membros da comunidade escolar”.







Entre as práticas pedagógicas voltadas ao bem-estar docente, destaca-se a importância, segundo Gláucio Diré, de condições estruturais que realmente favoreçam a recuperação emocional e física do professor. “É fundamental implementar uma política de descompressão da carga horária, garantindo tempo protegido para planejamento. Deve-se oferecer apoio psicológico sigiloso e formação em manejo de estresse (como *mindfulness*). Além disso, a escola deve fomentar a criação de espaços seguros de apoio entre pares (*peer-support*), onde os professores podem compartilhar desafios”, destaca.

Quando esses espaços são improvisados, apertados ou sobrecarregados de avisos e obrigações, a mensagem transmitida é de desvalorização. “Nesse sentido, a sala dos professores torna-se um ponto de apoio indispensável e, geograficamente, deve funcionar como um espaço de recarga, com um ambiente climatizado, com frigobar, as-

sentos confortáveis, local adequado para guardar pertences, alimentar-se e hidratar-se. Esse espaço não pode assumir a forma de um cubículo improvisado, repleto de avisos e obrigações, nem transmitir, por sua arquitetura ou disposição, qualquer ideia de desvalorização. Ao contrário, sua estrutura deve comunicar de forma simbólica e concreta que o professor desfruta de um lugar de respeito, cuidado e importância dentro da instituição. Quando a escola investe nesse ambiente, afirma que reconhece a centralidade do docente e contribui diretamente para a prevenção do seu adoecimento emocional”, garante Erika Neves.



Reconhecer quando um professor está chegando ao limite é essencial para evitar que pequenas tensões se transformem em adoecimento. Sinais de alerta, muitas vezes sutis, precisam ser percebidos por gestores e colegas, permitindo intervenções rápidas antes que o problema se agrave. “Sim, os sinais incluem irritabilidade e isolamento social frequentes, aumento de faltas e atrasos, queda notável na qualidade do trabalho, queixas somáticas constantes (dores de cabeça) e manifestações de cinismo ou desesperança em relação à profissão. A ação deve ser uma abordagem privada, empática e proativa, oferecendo recursos de apoio”, alerta Gláucio.

Compartilhando o olhar acerca dos gatilhos, Erika Neves chama a atenção para que, ao perceber esses sinais, a escola deve agir rapidamente, oferecendo acolhimento, reduzindo pressões desnecessárias e encaminhando o profissional para apoio especializado quando necessário. Cuidar do

professor antes que o sofrimento se agrave é fundamental para preservar sua saúde e fortalecer o ambiente educativo como um todo”, completa.

Percorrendo esse caminho, percebemos que cuidar da saúde emocional na escola é um esforço coletivo, que envolve a Psicologia Escolar atuando de forma estratégica, famílias engajadas e professores apoiados. Quando esses elementos se conectam, caminham juntos na mesma direção, tornando o ambiente escolar mais saudável, inclusivo e capaz de promover aprendizado e bem-estar para todos.





*Por Antônio Figueiredo*

---

**Fontes:**

Erika Neves é professora e Mestra em Ciências da Educação, psicóloga clínica e educacional, Especialista em Psicopedagogia, Análise Transacional, Competência nas Relações e Pós-graduada em Saúde Mental e Longevidade.

Gláucio Diré Feliciano é Doutor em Biologia. Graduado em Ciências Biológicas, Letras, Pedagogia e Ciências da Natureza, tem especialização em Ensino e Educação. É autor do livro “As Bases do Comportamento Humano” (Wak Editora).

Jeferson Florêncio é psicólogo e Especialista em Neuropsicopedagogia, com mais de dez anos de atuação clínica. Atuou como psicólogo escolar, acompanhando processos de aprendizagem e como psicólogo social em contextos de vulnerabilidade. Sua trajetória reúne experiências clínicas, educacionais e comunitárias. Atualmente, integra a consultoria pedagógica do programa socioemocional LIV – Laboratório Inteligência de Vida.



## **Conselho Editorial**

Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho

## **Jornalismo e Edição**

Antônia Lucia Figueiredo  
**Registro:** (M.T. RJ 22685JP)

## **Design e Direção de Arte**

Yasmin Gundim

## **Revisão de Texto**

Sandro Gomes

## **Colaboração de Textos e Pesquisas**

Jéssica Almeida

## **Produção**

Equipe de Comunicação Appai

## **Publicação**

Revista Appai Educar Digital – Ano 2025  
Edição nº 180

## **Envio de projetos**

Professores, enviem seus projetos através do formulário on-line disponível na página da revista em nosso site [appai.org.br](http://appai.org.br)

**Endereço:** Rua Senador Dantas, 117/229 – 2º andar  
Centro – Rio de Janeiro/RJ. CEP: 20031-911